

UNIDADE 2

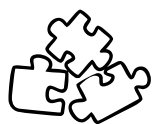
2

Durkheim e a socialização



Objetivos de aprendizagem

- Identificar a contribuição de Durkheim para a Sociologia.
- Compreender os seus principais conceitos.
- Entender a relação indivíduo/sociedade para Durkheim.
- Entender os processos de socialização, isolamento e interação social.
- Compreender os conceitos de papel, controle e status.



Seções de estudo

- Seção 1** O pensamento de Durkheim.
- Seção 2** Coerção, suicídio e solidariedade.
- Seção 3** Socialização e processos sociais: contatos sociais, isolamento e interação social.
- Seção 4** Status, papel social e controle social.



Para início de estudo

Quando se inicia o estudo da Sociologia, muitas vezes fica-se confuso com a diversificação de teorias que são criadas para que possamos estudar a sociedade. Isto acontece porque a Sociologia não tem um modo único de estudar determinado fenômeno social.

Por que razão há tantas abordagens diferentes?

A resposta está ligada à própria natureza da disciplina, isto é, a Sociologia estuda aspectos que dizem respeito a nossa própria vida e ao nosso próprio comportamento na sociedade, e estudar a nós mesmos é uma tarefa que exige grande esforço, bem como apresenta várias possibilidades.

Vamos ler o que nos explica Alberto Toso Rodrigues (2000, p.19):

O homem faz a sociedade ou a sociedade faz o homem?

Num de seus sambas, Paulinho da Viola narra a trajetória de um malandro do morro, Chico Brito. Na canção, ele é malandro, sim, vive no crime e é preso a toda hora.

Paulinho, porém, não atribui sua condição a uma falha de caráter. Chico era, em princípio, tão bom como qualquer outra pessoa, mas “o sistema” não lhe deixara oportunidade de sobrevivência que não a marginalidade.

O último verso diz tudo: ‘a culpa é da sociedade que o transformou’.

Já em outra canção, bem mais conhecida, Geraldo Vandré dá um recado com sentido oposto: ‘quem sabe faz a hora, não espera acontecer’.

- Somos nós que fazemos a hora?
- Ou a hora já vem marcada pela sociedade em que vivemos?
- O que, afinal, o ‘sistema’ nos obriga a fazer em nossa vida?
- Qual o tamanho de nossa liberdade?

Essas questões podem ser respondidas de diferentes maneiras pelos sociólogos. Há abordagens que enfatizam mais o papel da sociedade sobre os indivíduos e buscam mostrar a existência da vida coletiva acima dos mesmos.

Há abordagens que enfatizam mais a possibilidade de ação dos indivíduos e, mesmo fugindo do psicologismo, elas ressaltam a ação individual e a capacidade dos homens de forjarem a sociedade.

É necessário entendermos que não há “maneira certa” para respondermos as questões colocadas por Tosi, isto é, não há uma única possibilidade de estudarmos a sociedade, e as diferentes possibilidades de estudá-la estão representadas por diferentes sociólogos.

Nesta unidade e nas duas unidades seguintes, vamos estudar respectivamente, como três autores considerados os clássicos da Sociologia – Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber – respondem essas e outras questões.

Prontos para conhecer o pensamento de Durkheim? Vamos lá!

Seção 1 - O pensamento de Durkheim

Lembra-se do principal autor estudado na unidade anterior?

Pois bem, é muito importante perceber as ligações do pensamento de Durkheim com o pensamento de Comte. Você entenderá que os dois autores seguem os princípios do positivismo, e que a teoria de Durkheim foi fortemente influenciada pelos escritos de Comte.

Antes de entrarmos na teoria deste autor, vamos conhecer alguns aspectos importantes de sua vida, para que possamos contextualizar o seu pensamento.

Conhecendo Emile Durkheim

Durkheim nasceu em 15 de abril de 1858, em Épinal de Vosges, na França, e morreu em 15 de novembro de 1917.

Estudou no Liceu Louis Le Grand e na École Normale Supérieure, onde se formou em Filosofia. Em 1887, foi convidado a lecionar Pedagogia e Ciência Social em Bordeaux – uma importante universidade francesa.

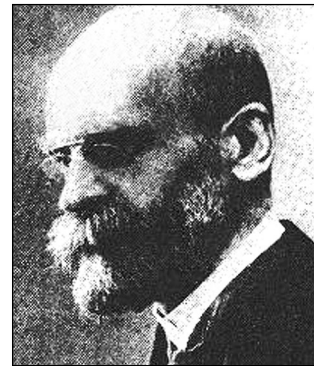


Figura 5: Emile Durkheim
Fonte: <<http://www.culturabrasil.pro.br/durkheim.htm>>

No ano de 1902, Durkheim, um profissional já reconhecido, foi convidado a lecionar na Universidade de Sorbone, em Paris. Quatro anos depois, tornou-se titular da cadeira de Pedagogia e continuou lecionando Sociologia. Finalmente, em 1913, a cadeira de Sociologia foi transformada em cátedra.

Dessa forma, é de Durkheim o mérito de ter transformado a Sociologia numa disciplina aceita nas universidades.



Saiba Mais

Conheça algumas obras de Durkheim:

- A divisão social do trabalho.
 - As regras do método sociológico.
 - O suicídio.
 - As formas elementares da vida religiosa.
 - Educação e Sociologia.
 - Sociologia e Filosofia.
 - O Socialismo.
-

Agora que você conheceu um pouco da vida deste autor, voltamos à intrigante questão feita no quadro apresentado no “*para início de estudo*”, desta unidade.

Somos nós que fazemos a hora?

Para Durkheim, a Sociologia deveria preocupar-se com o estudo dos **fatos sociais**. Ou seja, em vez de estudar o comportamento dos indivíduos, os sociólogos deveriam estudar os fatos sociais – os aspectos da vida em sociedade, que modelam as ações dos indivíduos, tais como a família, a religião, o estado.

Os fatos sociais são as maneiras de agir, pensar e sentir, como práticas coletivas de um grupo, e que exercem coerção sobre os indivíduos. Além disso, os fatos sociais dizem respeito ao caráter objetivo da sociedade, isto é, são independentes dos indivíduos.

Durkheim esforçou-se muito para afirmar a **exterioridade** dos fatos sociais, isto é, para separá-los de razões pessoais ou de impulsos da consciência individual. Segundo ele:

fato social é toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior ; ou ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter. (DURKHEIM,1978, p. 13).

A partir dessa afirmação, você pode perceber que, para o autor, o modo como o homem age é sempre **condicionado pela sociedade**, pois o agir individual origina-se no exterior, ou seja, na sociedade. Ele é imposto pela sociedade ao indivíduo, por isso é coercitivo, tem existência própria e independente da do indivíduo.



Como você pode perceber, para Durkheim, a hora já vem marcada pela sociedade.

Embora a sociedade não possa existir sem as pessoas, Durkheim acreditava que as sociedades têm vida própria – isto é, a sociedade é mais que a soma dos interesses e ações individuais. O modo de pensar, sentir e agir de uma sociedade, existe antes dos indivíduos que nela se encontram e é posterior a eles, tem vida própria e independe das manifestações individuais.

A partir dessas afirmações, você pode compreender que, para Durkheim, os fatos sociais desempenham uma função social, e para explicarmos um fato social é necessário explicar a função que ele exerce na sociedade.

Como compreender a função desse fato social?

De acordo com o autor, a função do fato social não se encontra no futuro, mas no passado.

Como podemos fazer isso?

Investigando as razões pelas quais surgiram determinadas práticas sociais, podemos determinar quais as funções dessas práticas na sociedade. Vejamos algumas perguntas pertinentes, que funcionam como exemplos:

- Por que surgiram as religiões?
- Por que surgiu a divisão social do trabalho?
- Por que surgiu a divisão sexual do trabalho?
- Por que surgiu a família monogâmica?

Entendendo as razões do surgimento dessas práticas, podemos entender as suas funções sociais na atualidade.

Neste momento, você deve estar pensando como identificar se um fenômeno social pode ser classificado como fato social ou não. Durkheim aponta algumas regras para observar os fatos sociais.

As regras relativas à observação dos fatos sociais são:

1. Agrupá-los por meio de suas características.
2. Entendê-los como coisas e separá-los dos valores individuais.

"A primeira regra e a mais fundamental consiste em considerar os fatos sociais como coisas." (DURKHEIM, 1978, p. 13).

Isto é, para Durkheim, os fatos sociais devem ser entendidos como coisas externas à vontade e à consciência individual e deveriam ser estudados da mesma forma que as coisas materiais. Para compreender os fatos sociais é preciso abandonar as idéias pré-concebidas sobre eles e buscar o entendimento por meio da observação e da experimentação.

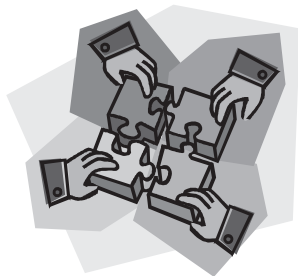
É necessário que o sociólogo coloque-se num estado de espírito semelhante ao dos pesquisadores das ciências naturais - como a física ou a química, por exemplo. Nestas ciências, quando seus pesquisadores iniciam uma pesquisa sobre um novo assunto, eles se mantêm atentos a possíveis descobertas que poderão surpreendê-los e até desconcertá-los.

Seguindo o modelo das ciências naturais, Durkheim afirmava que era necessário livrar-se de preconceitos e de paixões sobre os fenômenos sociais, porque, só assim, o sociólogo seria capaz de fazer a verdadeira observação e buscar a exterioridade e a objetividade dos fatos sociais como atributos da sua própria natureza.

Tudo claro até aqui, certo? Continuaremos, portanto, o aprofundamento do estudo.

A objetividade e a exterioridade dos fatos sociais

De acordo com Durkheim, os fatos sociais têm objetividade porque eles têm existência independente dos indivíduos. A sociedade, nesse sentido, é mais do que a soma dos indivíduos, sendo uma espécie de síntese que não se encontra em nenhum dos elementos que compõem os diferentes aspectos da vida.



Uma vez constituído um fenômeno, ele tem uma forma que cada elemento individual não possui.

A sociedade é mais do que a soma das partes. Por isto, os fenômenos, uma vez combinados e fundidos, fazem nascer algo completamente novo, que não está mais nas motivações individuais e nem é o resultado das partes colocadas mecanicamente uma ao lado da outra. A interação entre os indivíduos possui uma força peculiar capaz de gerar novas realidades.

Durkheim mostra que a mentalidade do grupo não é a mesma coisa que a mentalidade individual; que o estado de consciência coletiva não é a mesma coisa que o estado de consciência individual e que um pensamento encontrado em todas as consciências particulares ou um movimento que se repete por todos, não é, em si, um fato social.

Para ter um **caráter social**, é necessário que sua origem esteja na coletividade e não nos membros da sociedade. A exterioridade do fato social é dada pela possibilidade de entendê-lo como objeto de observação, independentemente das ações dos indivíduos.

Os fatos sociais constituem-se a partir de causas externas que se processam nas interações grupais, na pluralidade de consciência e como obra coletiva, com ascendência sobre os indivíduos, e que, por isto, são externos a eles.



Como reconhecer se um fato é social ou não?

Podemos reconhecê-lo pela coerção que ele exerce sobre os indivíduos. Para Durkheim, o organismo social precisa manter o estado saudável e identificar os fenômenos doentes a fim de orientar sua cura. O caráter coercitivo nem sempre é percebido pelos indivíduos.

A presença deste poder é reconhecível pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda a violentá-lo, ou pela difusão geral que se apresenta no interior do grupo.

Em cada indivíduo só existe um fragmento da sociedade. Se olharmos os indivíduos isoladamente, nunca compreenderemos a sociedade. É o todo que tem precedência sobre as partes.

Na concepção de Durkheim, é a sociedade que pensa, deseja, sente, embora o faça sempre por meio dos indivíduos. Mas, estes são resultados diretos do que é a sociedade. Nessa perspectiva, podemos afirmar que:



- fenômenos gerais são fenômenos sociais porque existem como fenômenos coletivos;
- fenômenos comuns nem sempre são caracterizados como coletivos, somente como gerais. O fenômeno está bem longe de existir no todo, pelo fato de existir nas partes. Porém, ele existe nas partes porque existe no todo.

Leia, na sequência, uma frase que serve como um exemplo utilizado por Durkheim para diferenciar os fenômenos coletivos dos gerais.

Do mesmo modo que a “dureza do bronze não figura nem no cobre, nem no estanho, nem no chumbo que serviram para formá-lo e que são corpos maleáveis ou flexíveis; figura na mistura por eles formada.” (DURKHEIM, 1978, p. 25).

Nesta seção você conheceu aspectos fundamentais do pensamento de Durkheim. Na seção 2, continuaremos aprofundando este assunto por meio do estudo da coerção, suicídio e solidariedade.

Seção 2 - Coerção, suicídio e solidariedade

2.1 Coerção social

Dando prosseguimento ao estudo do pensamento de Durkheim, você iniciará esta seção conhecendo coerção social. Você já sabe algo sobre este conceito?

Como podemos verificar, para Durkheim a sociedade se impõe aos indivíduos, ou seja, os indivíduos não agem como gostariam de agir, mas como a sociedade gostaria que eles agissem.



Ele chamou esse processo de coerção social, isto é, a sociedade dita regras e os indivíduos as seguem, e na maior parte das vezes sem nem perceber que estão seguindo regras que foram impostas.

Pense por exemplo, que ao acordar você “naturalmente” vai escovar os dentes. Esse ato de escovar os dentes não é “natural”, e sim imposto como uma regra que deve ser seguida por todos, mas como não pensamos se devemos ou não escovar os dentes ao levantarmos nós já interiorizamos essa regra, ela não parece mais uma coerção social, e é exatamente no momento que não sentimos mais a regra como impositiva que a regra obteve o sucesso.

Fácil de entender, não é mesmo?



Pare e faça um exercício de reflexão!

Imagine mais 5 exemplos de atos realizados cotidianamente que se relacionam com a coerção social.

Aproveite este espaço para registrá-los.

2.2 Suicídio como um fenômeno social

Na sequência você estudará um fenômeno que lhe ajudará a compreender o entendimento de Durkheim a respeito da imposição da sociedade sobre o indivíduo. Trata-se do suicídio.

Geralmente, atribuímos o ato do suicídio como um problema estritamente de ordem individual, mas de forma bastante original. Durkheim apontou que o suicídio se deve a fatores sociais.

Antes dele várias pesquisas já haviam sido desenvolvidas com a temática do suicídio, usando inclusive fatores sociais, mas procuravam a explicação do suicídio no clima, raça, ou desordem mental.

Mas foi Durkheim, em seu livro *O Suicídio*, publicado em 1897, o primeiro a afirmar que o suicídio era um fato social e deveria ser explicado por outros fatores sociais. Assim, para o autor o suicídio deve ser analisado de acordo com o momento social em que se dá, para que possamos compreendê-lo como manifestação de uma desordem social. Ele é resultado de vários fatores, mas o principal fator, o que mais contribui para sua existência, é o estado de **anomia** encontrado na sociedade.



O conceito de anomia empregado por Durkheim designa um estado social sem regras e sem normas.

Para o autor, tal estado é verificado, principalmente, em tempos de grandes transformações sociais, como por exemplo: o momento de um crescimento acelerado da divisão do trabalho, provocado pela falta de interligação estável entre os indivíduos.

Para Durkheim essas mudanças rápidas dificultariam o desenvolvimento e o funcionamento de regras gerais e geraria espaço para manifestações individualistas que, nesse caso, desestruturariam toda ordem social.

O problema da anomia ocupa um espaço central no estudo de Durkheim sobre o suicídio. Para o autor o suicídio é um aspecto patológico, ou doente, das sociedades modernas e revela de modo marcante a relação entre indivíduo e coletividade.

Como você já leu, Durkheim quer mostrar até que ponto os indivíduos são determinados pela realidade coletiva. Segundo ele, quando o indivíduo se sente só e desesperado, a ponto de se matar, é ainda a sociedade que está presente em sua consciência e o leva, mais do que sua história individual, a esse ato solitário. (ARON, 1999, p. 298).

Durkheim diferenciou três tipos de suicídio: o altruístico, o egoísta e o anômico.



Você Sabia?

Que Durkheim comparou, usando estatísticas oficiais, as taxas de suicídio em diferentes estruturas familiares, em diferentes nacionalidades e ainda em religiões distintas. Assim, ele percebeu uma maior frequência de suicídio entre solteiros e casais sem filhos.

O autor verificou também, um número mais elevado de suicídios entre os protestantes quando comparado aos católicos. A maior tendência suicida, dos protestantes, tem sua causa, segundo o autor, na integração menos desenvolvida da sua igreja. Por outro lado, as minorias judaicas mostram pouca inclinação ao suicídio, por causa da hostilidade secular às maiorias sociais, resultando na mais intensa dedicação dos judeus às relações internas do seu grupo.

Vale destacar que para Durkheim, a religião não protege contra o suicídio por causa dos seus dogmas, mas porque ela fundamenta uma ordem social. Tanto uma comunidade religiosa como um grupo familiar, com pais e filhos mostram uma proteção eficaz contra o suicídio.

Durkheim percebeu que a taxa de suicídio varia com a idade e de modo geral, aumenta com ela. Varia também de acordo com o sexo: é mais elevada entre homens do que entre mulheres. Segundo ele, a falta de integração familiar e religiosa faz com que as pessoas se tornem individualistas e passem a se ocupar mais com seus interesses pessoais do que com os da família ou grupo.

Vamos conhecer os três tipos de suicídio:

Observe que nessa explicação sobre o suicídio Durkheim enfatiza o peso da sociedade sobre o indivíduo. O chamado **suicídio egoísta** (1) é, para Durkheim, a consequência do individualismo isto é: o outro lado da fraca integração social. Quanto mais frouxos os laços sociais, mais a probabilidade de se cometer suicídio.

Como verdadeiro conservador, ele contrariava as idéias do liberalismo e do individualismo, que interpretavam a falta de integração grupal como liberdade individual, Durkheim a identificou como egoísmo.

O **suicídio altruístico** (2) é o suicídio decorrente de uma integração social extremamente forte, colocando o indivíduo em certas situações sob pressão, conduzindo-o ao suicídio. Esse tipo de suicídio já se deu entre os membros do serviço militar na França, na Alemanha, no Japão; entre viúvas na Índia, que aceitavam serem colocadas na fogueira junto com o corpo do marido morto. E atualmente, acontece entre os homens-bomba muçulmanos.

Perceba que nesse tipo de suicídio o indivíduo não o comete pela falta de laços sociais, mas o contrário, os valores sociais são tão fortemente introjetados nos indivíduos, que eles abrem mão do direito de viver, por uma causa social. Vamos ler as palavras do autor:

[...]os guerreiros dinamarqueses consideravam uma vergonha o fato de morrer na cama, de velhice ou de doença, e suicidavam-se para escapar a essa infâmia. Os godos chegavam mesmo a acreditar que aqueles que morriam de morte natural estavam destinados a viver eternamente em cavernas cheias de animais venenosos. Nos limites das terras dos visigodos havia um grande rochedo, chamado O Rochedo dos Ancestrais, do alto do qual os velhos se lançavam quando estavam cansados da vida.(DURKHEIM, 2003, p. 230).

O **suicídio anômico** (3) não é nem resultado da falta de integração social, tampouco consequência do poder exagerado do coletivo sobre o indivíduo. Ele aparece em tempos de mudança social rápida e, de acordo com Durkheim, essas mudanças sempre andam junto com a desestruturação da sociedade.

O autor apontou que a decadência econômica bem como o seu oposto, a prosperidade súbita, levam às mesmas consequências: aumento da taxa de suicídio. Esse fenômeno anômico enfraquece

os laços que ligam o indivíduo à sociedade e, em casos extremos, leva ao suicídio. Segundo Durkheim:

Em 1873 eclode em Viena uma crise financeira que atinge o ponto culminante em 1874, o número dos suicídios imediatamente se eleva. Passa de 141 em 1872 para 153 em 1873 e 216 em 1874, o que representa um aumento de 51% em relação a 1872 e de 41% em relação a 1873. Isso bem demonstra que essa catástrofe é a causa única desse aumento e que este é sensível, sobretudo no momento mais agudo da crise, isto é, durante os quatro primeiros meses de 1874... não está esquecido o famoso crack da bolsa de Paris durante o inverno de 1882. As conseqüências se fizeram sentir não apenas em Paris, como em toda a França. Entre 1874 e 1886, o crescimento médio anual da taxa de suicídios era de apenas 2%; em 1882, de 7% além disso, não se dividiu igualmente pelo diferentes momentos do ano, mas concentrou-se, sobretudo nos três primeiros meses, isto é, no momento preciso em que o crack se produziu. Devem-se a esse único trimestre o 59% do aumento total (DURKHEIM, 2003, p. 257).

Mas o suicídio anônimo não é só aquele que aumenta durante as crises econômicas; é também aquele cuja frequência cresce paralelamente ao número de divórcios. Em suas pesquisas, Durkheim percebeu que o homem divorciado está mais “ameaçado” pelo suicídio do que a mulher.

Para compreender o fenômeno é preciso analisar o que o homem e a mulher recebem de equilíbrio, de satisfação e de disciplina no casamento. O homem encontra equilíbrio e disciplina no casamento porém, graças à tolerância dos costumes, conserva uma certa liberdade porque para ele são permitidas atitudes sociais e práticas sexuais fora do casamento. A mulher vai achar no casamento mais disciplina do que liberdade. Por outro lado, o homem divorciado busca novos relacionamentos estáveis para superar à disparidade entre desejo e satisfação, enquanto a mulher divorciada se beneficia de uma liberdade adicional que compensa, em parte, a perda de proteção familiar.

Desde a publicação do livro *O suicídio*, muitas críticas têm sido feitas a esse trabalho, sobretudo ao uso feito das estatísticas oficiais, mas também sobre a insistência em não considerar influências não-sociais no suicídio. De qualquer forma o estudo feito por Durkheim permanece um clássico e sua contribuição em mostrar as causas sociais de atitudes individuais continua atual.

Você pode acompanhar este fenômeno no gráfico que apresenta taxas atualizadas de suicídios no Brasil (distribuídos por idade e sexo).

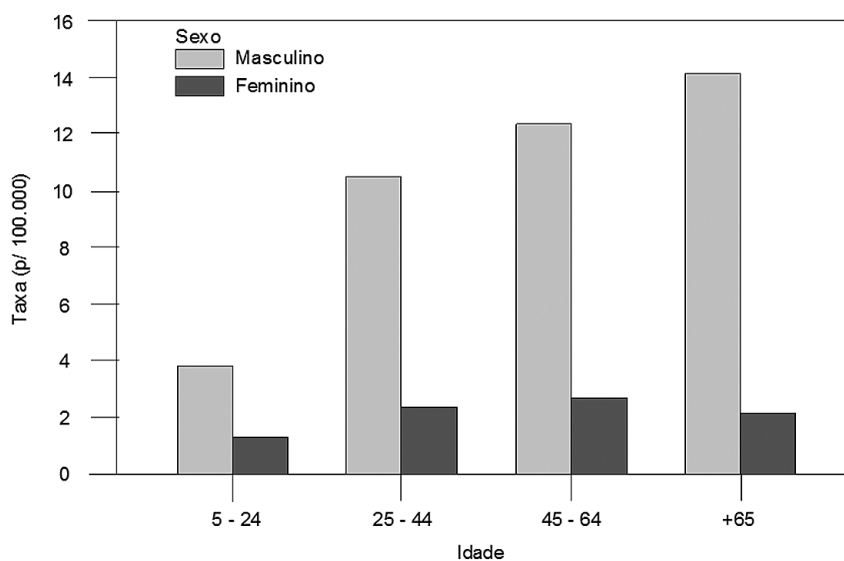


Figura 6: Taxa de Suicídios no Brasil por sexo e idade, 2001 (por 100.000 habitantes).

Fonte: Datasus 2004 (apud Bryn, 2006, p.7).

A teoria de Durkheim não é apenas uma curiosidade histórica. Ela também ajuda a esclarecer o suicídio aqui e agora. Já mencionamos que aproximadamente cinco em cada 100 mil brasileiros cometem suicídio a cada ano.

Como a figura anterior ilustra a taxa de suicídio varia de acordo com a idade, da mesma forma que variava na França do século XIX. Esta figura também mostra que as taxas diferem entre homens e mulheres: como na França do fim do século XIX, os homens estão, com frequência, menos envolvidos na educação das crianças e em outras tarefas ligas à família e esse dado também é consistente com a teoria de Durkheim.

No entanto, diferentemente da época de Durkheim, o suicídio entre jovens tem se tornado mais comum nos últimos anos. Para o conjunto de estados brasileiros, houve uma elevação das taxas de suicídio entre pessoas de 15 a 24 anos, passando de 3,5, em 1979, para 5 por 100 mil habitantes, em 1998. (Souza, MINAYO e MALAQUIAS, 2002).

“De fato, essa parece ser uma tendência mundial. Por que você acha que isso tem ocorrido? Será que algumas áreas da vida social, como a vida familiar, o mundo do trabalho, a religião, etc., podem ter mudado no sentido de enfraquecer os laços das pessoas mais jovens com a sociedade? Você pode explicar sociologicamente o aumento das taxas de suicídio entre os jovens?” (BRYN, 2006, p.7)



Você já parou para pensar nisso?

Aproveite para pesquisar sobre as razões que levam às pessoas a cometerem suicídio, em sites específicos. Elabore uma resposta própria aos questionamentos feitos anteriormente.

Registre suas considerações nas linhas que seguem.

2.3 Solidariedade Orgânica e Solidariedade Mecânica

Durkheim, como outros sociólogos, procurou compreender o que faz com que os seres humanos sejam organizados em sociedade e lutem contra a desintegração social. Assim, ele abordou a questão sobre a **solidariedade social** e mostrou que ela é a responsável pela coesão entre os seres humanos e por mantê-los unidos.



Durkheim apontou a existência de dois tipos de laços que unem os indivíduos à sociedade, a solidariedade mecânica e a solidariedade orgânica.

Durkheim explica que a **solidariedade mecânica** é aquela que se desenvolveu em sociedades com pouca divisão do trabalho, ou seja, a maioria dos membros desse tipo de sociedade sabe desenvolver praticamente todas as atividades essenciais para sua manutenção.

Vamos pensar numa tribo indígena em que todas as pessoas desenvolvem praticamente as mesmas tarefas, como caçar, pescar, fazer cestas de vime. Para Durkheim, nesse tipo de sociedade, há uma forte **consciência coletiva**, ou seja, é o “conjunto de crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade [que] forma um sistema determinado que tem vida própria”. Ele não permite aos membros dessas sociedades desenvolverem-se como indivíduos autônomos, uma vez que não se encontram, nessas sociedades, nítidas diferenças entre seus membros.

Nas palavras de Durkheim, o indivíduo não se pertence, ele é “literalmente uma coisa de que a sociedade dispõe”. Nas sociedades em que a solidariedade mecânica predomina, o sistema educacional é difuso e perpassa a todos. Também não há um local específico para serem passados os conhecimentos da sociedade.

Outro ponto analisado pelo autor é que, com a solidariedade mecânica, tem-se a organização do direito repressivo. A ênfase desta sociedade é a punição pelo próprio grupo. Quem comete o crime viola os sentimentos que são fortemente enraizados entre eles. Constitui-se uma violação da consciência coletiva. A punição do infrator torna-se uma lição de moral para os demais membros do grupo. Geralmente é pública, tem efeito demonstrativo e sua função é reafirmar a solidariedade.



À medida que as sociedades se tornam mais complexas, a divisão do trabalho amplia-se e as conseqüentes diferenças entre os indivíduos conduzem a uma crescente independência da consciência coletiva.

O encontro das diferentes partes cria um novo laço social, a **solidariedade orgânica** – baseada nos interesses complementares e nas independências individuais, dando, assim, maior autonomia à consciência individual. Teremos, segundo Durkheim, uma moral objetiva vivida por cada indivíduo de modo próprio, pois os indivíduos são diferentes entre si.

Para que a moral dos indivíduos seja reconhecida socialmente, precisa estar vinculada a um grupo, porque somente o social ultrapassa o individual, mesmo havendo margem para a consciência individual. A disciplina, nesta situação, é condição para o indivíduo ser livre.

As sanções repressivas dessas sociedades dão origem a um sistema legislativo que acentua valores de igualdade, liberdade, solidariedade e justiça. O direito passa a ser cooperativo, com sanções restituíveis e é calcado no contrato firmado entre partes autônomas.

A transgressão da norma visa à reposição dos danos causados ao parceiro do contrato, dentro de uma perspectiva de reciprocidade e igualdade de direitos. Com a punição, o sujeito é lembrado de suas obrigações e responsabilidades para com o outro sujeito. Durkheim acreditava que a solidariedade seria a única forma capaz de construir uma nova ordem social.



Como garantir a solidariedade tão necessária, se os membros das sociedades avançadas têm uma consciência coletiva fraca?

Segundo Durkheim, seria com a **divisão social do trabalho** que poderíamos construir uma nova base social na sociedade. Você deve estar se perguntando: o que isto significa?

Vamos utilizar um exemplo prático para você entender. Pense em quantos profissionais estão envolvidos para você poder realizar esta disciplina. Vamos listar alguns: os professores de Sociologia, o monitor, o técnico de informática que mantém nossos computadores funcionando, os operários da gráfica em que o livro foi feito, os engenheiros que projetaram o equipamento para a gráfica e muitos outros, não é mesmo?



Pois bem, Durkheim afirmava que, nas sociedades modernas, nenhum indivíduo teria mais possibilidade de sobreviver sozinho porque precisaria de muitos outros profissionais, e isto levaria a uma interdependência entre todos os seus membros.

O autor acreditava que, quanto maior a especialização de tarefas, mais possibilidades de coesão social, uma vez que maior seria a necessidade de outras pessoas. E para que todos os profissionais fossem respeitados, seria necessária a sua organização em torno de corporações. Assim, a exploração exacerbada que, segundo Durkheim, significaria **anomia**, seria superada pelas corporações de trabalhadores.

A divisão do trabalho promove a solidariedade baseada na interdependência entre funções compartilhadas. Não se trata, porém, de construção da sociedade a partir dos interesses individuais, mas dos interesses coletivos.



Para Durkheim, as regras são dadas socialmente, como condição de sociabilidade que precede o sistema de contratos, ou seja, um sistema social, com suas normas e valores, permite definir e atribuir papéis sociais aos membros de uma dada sociedade.

A Sociologia teria um papel fundamental ao fazer com que a sociedade, tal como um corpo integrado, tomasse a divisão social do trabalho na sua função primordial de promover a solidariedade e não os interesses econômicos.

Você já deve ter observado como essas idéias se parecem com as de Comte (estudado na unidade anterior). A ordem, assim como para Comte, é uma exigência fundamental para Durkheim.

Ele, como Comte, queria a integração da sociedade e vale ressaltar que o autor viveu numa época bastante otimista em relação à ciência. Por isso, pensava poder, por meio de ações corretivas, colocar a sociedade inteira no caminho do desenvolvimento e da moral cooperativa e solidária.

Como a sociedade era comparada a um corpo, não fazia sentido transformá-la. A única solução seria sua preservação, tal como o médico que deve curar o corpo doente. A tradição funcionalista de Durkheim dá ênfase à idéia de integração social e de equilíbrio.

Todas as formas de contestação ou de conflitos são vistas como anomalias e precisam ser eliminadas. Todos os movimentos contestatórios da forma vigente de organização capitalista, nesta lógica, contribuíam mais para gerar o caos do que para gerar solidariedade social.

Tratava-se do que podemos chamar de um “projeto político conservador”. Nele seria necessário superar todas as formas de conflitos entre as classes, porque eles seriam a manifestação do egoísmo, ao mesmo tempo em que o movimento socialista deveria ser entendido como um sinal de que algo na sociedade não estava funcionando e precisava ser normalizado.

Os mesmos valores morais e regras sociais deveriam reger a conduta dos indivíduos e restabelecer a ordem social.



Do ponto de vista moral, Durkheim acreditava que o único valor que poderia conter o excesso de egoísmo presente no mundo moderno era o valor do indivíduo.

Quando os homens tomassem consciência do valor do ser humano, os laços de solidariedade, fraternidade e respeito poderiam se estreitar. O culto do indivíduo poderia oferecer um fundamento moral para eliminar o conflito e o egoísmo. Do ponto de vista institucional, as corporações de trabalhadores poderiam resgatar os valores da solidariedade capazes de construir uma nova sociedade.

Se as corporações agissem no mundo do trabalho, elas poderiam difundir a nova moral do “culto ao indivíduo” e eliminariam os conflitos de classe, sinais de que a sociedade estava anômica. Com isso, a divisão do trabalho estaria consolidada e as disfunções e patologias da sociedade dariam lugar a uma sociedade integrada e harmônica. **Deste modo, ela alcançaria a ordem e o progresso.**

Neste momento, concluímos esta seção, mas o estudo esclarecedor sobre aspectos fundamentais da sociedade continua pelas próximas páginas. Continue atento!

Seção 3 - Socialização e processos sociais: contatos sociais, isolamento e interação social

Como já estudamos, a cultura faz parte dos aspectos da sociedade que são aprendidos.

Socialização é o processo pelo qual as crianças e demais membros da sociedade aprendem como se comportar em sociedade. É principalmente por meio da socialização que se transmite a cultura, porque a socialização tem a capacidade de conectar diferentes gerações.

Vamos pensar no nascimento de uma criança. Este acontecimento altera a vida de muitas pessoas. Os cuidados com o filho ligam os adultos às crianças pelo resto de suas vidas; os mais velhos tornam-se avós e vivenciam um novo papel.



Podemos afirmar que a socialização é um processo contínuo, que dura toda a vida, e o comportamento humano é constantemente modelado por interações sociais. São as interações sociais que permitem também ao ser humano rever as suas atitudes e ajustá-las.

Usualmente, fala-se em duas grandes fases de socialização. A **socialização primária**, que ocorre na primeira infância, é o período em que a criança aprende a fala e os padrões mais básicos de comportamento. A família é o principal agente socializador nesta fase.

A **socialização secundária** acontece mais tarde na infância e no decorrer de toda a vida. Ao longo desta fase, a escola, os grupos sociais, a mídia, e o espaço do trabalho tornam-se espaços de socialização do indivíduo. Sendo o processo de socialização contínuo, muitas vezes ele passa despercebido.



Como vimos, Durkheim afirmava que a sociedade impõe suas regras aos indivíduos, os quais, por vezes, não se dão conta que estão sofrendo coerção social.

Muitas vezes, estamos aprendendo novos padrões de comportamento e nem nos damos conta. Se pensarmos em como algumas regras de convivência e etiqueta nos foram ensinadas, até achamos graça: ao lembrar, por exemplo, como foi o processo de aprendizado do uso de garfo e faca, não falar com a boca cheia, entre tantas outras regras sociais.



Saiba mais

Confira no Saiba Mais desta unidade um quadro com a reprodução de pequenos trechos do livro *O Processo Civilizador*, de Norbert Elias.

Nesse trabalho, Elias mostra como vários costumes que temos hoje foram sendo criados e ensinados. Ele pesquisa em um rico material de livros de etiqueta de séculos e países diferentes.

O autor consegue mostrar como vários hábitos hoje adquiridos foram criados e ensinados. Já outros hábitos, que antes eram considerados aceitáveis, hoje estão em desuso.

Vamos ver como nós aprendemos a ser homens e mulheres. Concordamos que, num primeiro momento, possa até causar estranheza, mas nós aprendemos também como é o comportamento de uma mulher e o de um homem, isto é, nossos papéis de gênero.

Socialização e gênero

Na unidade 5, desta disciplina, você conhecerá com mais detalhes que gênero social é diferente de sexo biológico. Neste momento, apenas considere que as diferenças de gênero não são biologicamente determinadas, mas culturalmente produzidas. De acordo com esta abordagem, as ambigüidades de gênero surgem porque homens e mulheres são socializados em papéis diferentes.

O que isso quer dizer?



Vamos fazer o seguinte experimento: vamos acessar o site de uma grande loja de departamentos. Vamos até a loja de brinquedos. Na maioria dos sites, você pode separar brinquedos para meninas e meninos, não é mesmo?

- O que encontramos na seção de brinquedos para meninos?

Bonecos que lutam, blocos de montar, carrinhos, bicicletas, jogos diversos, acessórios para prática de esportes, etc.

- O que encontramos na seção de brinquedos para meninas?

Bonecas, carrinhos para bebês, produtos de maquiagem, ferros de passar roupa, cozinhas e seus acessórios, etc.

O que esse “passeio” nos ensina? Quem está sendo preparado para assumir o papel de cuidar de crianças? Quem brinca de trocar fralda, dar mamadeira, fazer ‘comidinha’? São as meninas, não é mesmo? Por outro lado, quem brinca com carrinhos, de construir cidades, luta entre super-heróis e super-vilões? Quem é incentivado a praticar esportes coletivos? São os meninos.

Desde a mais tenra idade, aprendemos a comportar-nos de acordo com papéis transmitidos socialmente, e um deles é o de menino (que aprende a ser homem) e o de menina (que aprende a ser mãe).

Esses papéis de gênero são reforçados continuamente na sociedade, na escola, na igreja. Outro espaço marcante na socialização do gênero é a mídia. Vamos ler uma interessante citação de Bryn (2006, p. 120) sobre gênero e romances populares.

“A construção social dos papéis de gênero pela mídia começa quando as meninas aprendem que somente um beijo do príncipe as salvará do sono eterno. Continua nos romances, nas telenovelas, nos anúncios, nas músicas e na internet. Trata-se de um grande negócio.

Por exemplo, a *Harlequin Enterprises*, de Toronto, domina a produção e a venda dos chamados ‘romances cor-de-rosa’. A companhia vende mais de 160 milhões de livros por ano, em 23 línguas, abrangendo mais de 100 mercados nacionais.

No Brasil, a principal compradora de seus romances é a editora Nova Cultural, que publica os títulos Júlia, Sabrina e Bianca. O tema central desses romances é a transformação do corpo das mulheres em objeto para o prazer dos homens.

No típico de Harlequin, a expectativa é que os homens sejam sexualmente agressivos. Eles são mais experientes e promíscuos que as mulheres. Das mulheres, espera-se que desejem amor antes de desejarem intimidade. Supõe-se que elas sejam sexualmente passivas, dando apenas dicas sutis para indicar seu interesse pelas investidas masculinas. Faltando-lhes supostamente, o impulso sexual que preocupa os homens, as mulheres são, muitas vezes, tidas como responsáveis por padrões morais e pela contracepção.”

É certo que não recebemos passivamente essas mensagens de gênero, já que os indivíduos não são meros receptores da sociedade, como afirmava Durkheim. Vale ressaltar que podemos entender as pessoas como agentes que criam, recriam e modificam seus papéis. Mas não podemos desconsiderar o forte papel socializador em relação ao gênero.

Todos esses exemplos são claros no sentido de nos mostrar que aprendemos socialmente a sermos homens e mulheres, na relação com outros ou no contato social.

O que será que acontece com pessoas que vivem isoladas de outros seres humanos? É o que estudaremos na sequência.

Isolamento social

Você já deve ter ouvido histórias sobre crianças que crescem em ambientes desumanos, não é mesmo?

Vamos rever mais algumas dessas histórias e ver o que elas nos ensinam sobre socialização, recorrendo a outra citação de Bryn (2006, p.106).

Em 1800, um menino aparentando 10 ou 11 anos surgiu do meio de um bosque no Sul da França. Ele estava sujo, nu, era incapaz de falar e não aprendera a usar o sanitário.

Levado pela polícia para um orfanato local, o menino tentou fugir várias vezes e se recusava a usar roupas. Nenhum pai ou mãe jamais o procurou. Tornou-se conhecido como 'o menino selvagem de Aveyron'.

Um exame médico completo não encontrou quaisquer anormalidades físicas ou mentais importantes. Por que, então, o menino parecia mais animal que humano?

Porque, até sair do bosque, ele crescera isolado de outros seres humanos.

Esta temática é apresentada no filme
O Enigma de Kasper Hauser. Vale a
pena conferir.

Outros relatos, inclusive mostrados em **filmes**, levam a mesma conclusão. Crianças que crescem sem contato ou têm contato mínimo com outros de sua espécie não se desenvolvem de maneira normal. A fala, o uso de utensílios considerados simples - como o garfo e a faca -, a capacidade de transmitir sentimentos - como amor, tristeza, felicidade - e até mesmo o andar ereto ficam prejudicados se não há o processo de socialização.

Como já vimos, a socialização é o processo que possibilita a formação do ser humano, assim como é um aprendizado contínuo que se dá por contato.

Após compreender a socialização, você passará agora para a última seção desta unidade e ampliará seus conhecimentos sobre status, papel social e controle social.

Seção 4 - Status, papel social e controle social

Na linguagem cotidiana, definimos status como prestígio. Para a Sociologia, status é definido numa determinada estrutura, ou seja, refere-se a posições reconhecidas e ocupadas por pessoas em uma interação social.

O status social pode valorizar ou desvalorizar os membros de determinado grupo social, colocando-os em uma espécie de escala. As posições superiores são altamente valorizadas na sociedade, por isto, seus integrantes desfrutam de prestígio e poder.

Status é um elemento de comparação entre diferentes membros de uma comunidade ou instituição. Sendo assim, status é um fenômeno relativo, só tem significado num contexto do grupo e em relação a outros. Podemos definir como status geral o conjunto total de status ocupado por uma pessoa.

O status legal é uma posição caracterizada por direitos e obrigações (deveres definidos por normas), reconhecidos pública e juridicamente. O status social abrange características da posição que não é determinada por meios legais. O status pode ser **atribuído** ou **adquirido**.

Se o status independe dos esforços, capacidades e das realizações individuais é chamado de atribuído, como por exemplo, o status de filho. O status adquirido é decorrente da habilidade, conhecimento ou capacidade individual, por exemplo, o professor é um exemplo de status adquirido.

Note que cada pessoa ocupa muitos status. Uma pessoa pode ser, mãe, professora, estudante e esposa ao mesmo tempo. O status principal é o mais influente na vida da pessoa por determinado tempo. À medida que as pessoas ocupam status, elas desempenham papéis.

Um conjunto de papéis refere-se a todos os papéis relacionados a um único status. Por exemplo, uma mulher que ocupe o status de comissária de bordo pode desempenhar os papéis de especialista em segurança de voo e de copeira. (BRYN, 2006, p. 143)



Saiba mais

Leia o quadro que traz o texto: *A mudança nos papéis das aeromoças*. (BRYN, 2006, P. 145-146)

Trata-se de um exemplo de mudança de status e também de conflitos no desempenho de diferentes papéis relacionados a um único status.

Em 1930, a companhia americana Boeing Air Transport contratou Ellen Church, a primeira aeromoça do mundo. Treinada como enfermeira, ela vestia seu uniforme branco em todos os vôos, o que nos diz acerca de seu papel. Na época, voar era muito mais perigoso do que hoje em dia. Embora Ellen servisse café e sanduíches, seu papel principal era acalmar passageiros apreensivos ao assegurar que estavam em boas mãos no caso de emergência que exigisse cuidados médicos (...) Com a introdução das cabines pressurizadas e outros itens de segurança, os uniformes brancos de enfermeira foram substituídos por terninhos. No entanto, a verdadeira revolução no papel das aeromoças foi sinalizada pela primeira de uma série de mudanças radicais nos uniformes, em 1965.

SEGUE ►

Um executivo de marketing convenceu a agora extinta Braniff Airways a contratar um estilista de moda famoso para redesenhar os uniformes das aeromoças. Os padrões têxteis de efeitos óticos em cores papel e as saias 15 cm acima dos joelhos causaram sensação. Todos queriam viajar pela Braniff. O valor das ações da empresa aumentou de 24 para 120 dólares. Logo, todas as companhias aéreas seguiram o exemplo em todo mundo.

Foi assim, por exemplo, que a Varig introduziu a minissaia e as cores berrantes nos uniformes das aeromoças no início dos anos de 1970. As campanhas publicitárias, por sua vez, refletiam as novas expectativas associadas ao papel das aeromoças: da malícia disfarçada das propagandas no final dos anos de 1950, as companhias aéreas passaram a retratar suas aeromoças como objetos sexuais de modo explícito. A Continental Airlines, que pintava a cauda dos aviões com manchas douradas e cujas aeromoças vestiam uniformes dourados, criou o bordão 'O pássaro orgulhoso de rabo dourado' e, mais tarde enfatizava: 'nós realmente balançamos o rabo por você.

(...) As companhias especificaram e reforçaram muitas normas relativas ao papel das aeromoças e as expectativas dos passageiros ajudaram a reforçar essas normas. Por exemplo, até 1968, as aeromoças tinham de ser solteiras. Até 1970, não podiam engravidar. Tinha de ser atraentes, ter um sorriso bonito e deveriam alcançar um padrão mínimo de testes psicológicos e de QI. Em 1954, a American Airlines impôs uma idade de aposentadoria compulsória de 32 anos, o que tornou o padrão das companhias aéreas.

As aeromoças tinham de ter uma certa aparência: magras, saudáveis e não muito 'cheias'. Atribuía-se a elas um peso ideal, baseado em sua altura, e pesagens regulares asseguravam que elas não se desviassem desse ideal. Nos Estados Unidos, todas as aeromoças tinham de usar cintas modeladoras e os supervisores das companhias aéreas desempenhavam checagens de rotina, dando pequenos piparotes em suas nádegas. (...) Nas últimas duas décadas o status das aeromoças (a posição que elas ocupam em relação a outras pessoas) mudou. Na era dos vôos com desconto, das barras de cereais e dos saquinhos de amendoins, restou muito pouco do glamour inicial.

No entanto, os sindicatos e as associações de comissários de bordo e aeroviários do mundo inteiro conseguiram implementar mudanças importantes no que se refere a casamento, gravidez, aposentadoria e contratação de comissários do sexo masculino. (...) Embora ainda se enfatize a aparência física e a juventude, os homens são hoje contratados em proporções semelhantes às mulheres.

Ocorrem conflitos de papéis quando dois ou mais status, ocupados ao mesmo tempo, criam papéis com demandas contraditórias. Retornando ao exemplo das aeromoças, podemos perceber que, hoje, elas enfrentam vários conflitos ao assumir o papel de mãe e esposa, uma vez que desempenham uma profissão que as obriga passar longos períodos fora de casa. No período de 1950 a 1960, este conflito de papéis não acontecia, pois casamento e filhos não eram permitidos às aeromoças.

Por outro lado, havia o conflito-papel, isto é, papéis incompatíveis eram demandados de pessoas que ocupavam status. No caso das aeromoças, os passageiros podiam esperar que elas se comportassem de maneira sugestiva, ao passo que elas podiam definir seus papéis como tendo de tratar os passageiros somente com cordialidade.



Papéis e status sociais podem ser entendidos como tijolos que estruturam a nossa comunicação.

Sempre que as pessoas se comunicam, esses “tijolos” ajudam a estruturar a interação. Talvez essa afirmação lhe cause alguma estranheza, pois muitas vezes pensamos que todas as nossas emoções e formas de relacionamento são resultados apenas de nossos estados emocionais. Podemos afirmar que as normas, status e papéis estruturam nossas interações. É para que essa estrutura social seja mantida, é utilizado o controle social.

Chamamos de **controle social** os mecanismos materiais e simbólicos, disponíveis em todas as sociedades. O controle social visa eliminar ou diminuir os comportamentos que se desviam do padrão estabelecido socialmente. Estes desvios podem ser individuais ou coletivos.

Os mecanismos responsáveis pela introjeção de normas e valores sociais e pela socialização dos membros de uma sociedade fazem parte das formas de controle.

Durkheim, por exemplo, enfatizou a importância da educação como forma de controle social. Ele afirmava que, se os pais não educassem adequadamente seus filhos, a sociedade “se vingaria deles”, mostrou também a importância da escola no processo de introjeção de norma.



Quais são as formas de controle social que você conhece? Elas são explícitas?

Lembre-se que nem sempre percebemos o controle social de forma impositiva. Muitas vezes ele vem na forma de valorização de comportamento individual (a foto na parede mostrando a todos quem foi o funcionário do mês é um exemplo) e regras de ascensão social são algumas das formas mais eficientes de controle social.

Quando ocorre o desvio de uma conduta socialmente aceita são utilizadas formas de punição, a perda da liberdade, o confinamento, a segregação e a discriminação são alguns dos mecanismos de controle social.

Você chegou ao final desta unidade e, ao estudá-la, compreendeu os principais conceitos de Durkheim. Entendeu que, para o autor, o suicídio é um fenômeno social. Compreendeu o processo de socialização, interação e isolamento social. E, ainda, conheceu o significado de status e papel social e controle social.

[illegible]



Atividades de auto-avaliação

Para praticar os conhecimentos apropriados nesta unidade, realize as seguintes atividades propostas.

1. Vamos estudar sobre o conceito de fatos sociais desenvolvido por Durkheim.

Primeiramente, selecione um fenômeno social e verifique se ele se enquadra em um fato social. Para isso, é necessário que esse fenômeno tenha as três características apontadas por Durkheim, a saber, exterioridade, coercitividade e generalidade. Registre e explique suas considerações.

[illegible]

- Somos nós que fazemos a hora?
- Ou a hora já vem marcada, pela sociedade em que vivemos?
- O que, afinal, o 'sistema' nos obriga a fazer em nossa vida?
- Qual o tamanho de nossa liberdade?

[illegible]

3. Assista a uma novela na televisão. Observe como os homens e mulheres são representados (por meio das atitudes, das falas, das vestimentas; reações de outras pessoas em relação a eles). Escolha 3 personagens, um do sexo masculino, outro do sexo feminino e uma criança.

Descreva o que você verificou em relação aos papéis sociais e compare com o conteúdo estudado nesta unidade.

4. Cite três exemplos de formas de controle social que ocorram por valorização de determinados comportamentos.



Saiba mais

Aprofunde seus conhecimentos sobre esta unidade.

- Saiba mais sobre a seção 3, desta unidade, conhecendo alguns trechos da obra *O Processo Civilizador*, de Norbert Elias (1994, 155-156). Em seguida, reflita sobre os questionamentos posteriores.

Do hábito de escarrar

Idade Média

Não escarre por cima da mesa.

Não escarres na bacia quando estiveres lavando as mãos.

Ano de 1714

Escarrar frequentemente é desagradável. Quando necessário, deve-se esconder isso tanto quanto possível, evitando-se sujar as pessoas ou suas roupas, pouco importa quem sejam, nem mesmo nas brasas ao lado do fogo. E quando escarrar, deve pisar imediatamente no esputo.

Nas casas grandes as pessoas escarram no lenço...

Não senta bem escarrar pela janela ou no fogo.

Ano de 1910

Você já notou que hoje relegamos para algum canto discreto o que nossos pais não hesitavam em exhibir abertamente?

Por isso mesmo, certa peça íntima de mobiliário tinha um lugar de honra....ninguém pensava em ocultá-la de vista.

O mesmo se aplica a outra peça de mobília não mais encontrada em residências modernas, cujo desaparecimento talvez alguém lamentará talvez nesta era de “bacilofobia”: estou me referindo à escarradeira.

➔ **Agora reflita:**

Você imagina alguma dessas regras tendo de ser explicadas em livros de “boas maneiras” na atualidade? Não é mais necessário não é mesmo? Escarrar, como vários outros hábitos, deixou de fazer parte de nosso cotidiano. Muitas de nossas atitudes, tomadas hoje como naturais, como algo pronto, foram, na realidade, construções sociais ou convenções sociais que nós aprendemos a seguir.

Leia, também, as seguintes obras:

- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRYN, Robert [et al] **Sociologia: uma bússola para um novo mundo**. São Paulo: Thompson Learning, 2006. 6, p.106)
- DURKHEIM, Emílie. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- _____. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREITAG, Bárbara. **A Questão da moralidade da razão prática de Kant e a ética discursiva de Habermas**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. V. 1, n. 2, 20 semestre, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed., Porto Alegre: Artmed, 2005.

- GIL, Carlos Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- PIERRET, Janine. Elementos para reflexão sobre o lugar e o sentido da sexualidade na sociologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- RODRIGUES, José Albertino; FERNANDES, Florestan. **DURKHEIM**. São Paulo: Ática, 1988.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**. Itajaí: UNIVALI/Edifurb, 2001.